

A exploração arqueológica da Serra das Mutelas (Tórres Vedras)

Relatório

O Sr. Carlos Marinho da Cruz, administrador do concelho de Tórres Vedras, teve conhecimento, por meados de Junho de 1912, de que numa pedreira em exploração na serra das Mutelas, do seu concelho, haviam sido encontrados pelos cabouqueiros vários ossos humanos, e que os ditos ossos haviam sido distribuídos entre diversas povoações (Charniche, S. Pedro da Cadeira, etc.), tendo até uma caveira servido a libações aos achadores, com grande escândalo dos povos da região. Intimou S. Ex.^a os detentores a que apparecessem imediatamente na Administração, e obrigou-os a entregar os achados.

É necessário, antes de mais nada, dizer que o digno administrador era um curioso de assuntos arqueológicos, e que já um ano antes salvara em Castendo (Beira Alta) umas antas, de depredações. Percebendo que se tratava agora de despojos de alguma gruta ou monumento congénere, visitou o local e arrecadou objectos de metal, barro e pedra que junto às ossadas tinham apparecido, avisando de tudo o Ex.^{mo} Director do Museu Etnológico, e convidando-o a examinar o local.

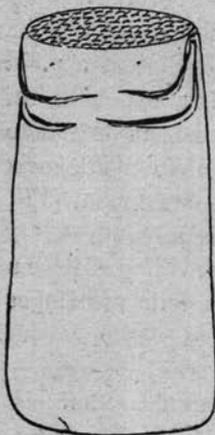


Fig. 1

No passeio que por esse motivo eu dei, acompanhando o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos à serra das Mutelas, encontrou S. Ex.^a uma ponta de seta, de cobre, perfeita, eu, uma faca pequena, de sílex, muito bem retocada, e conseguimos adquirir, ainda do espólio, uma longa raspadeira de sílex e uma continha de ribeirite, uma malga grande, partida mas completa, e um pequeno cilindro de calcáreo, com riscos (fig. 1); isto além de trazermos para Lisboa os objectos reúnidos pelo Sr. administrador, e que constavam de:

- Uma ponta de seta de cobre, grande, dobrada.
- Uma malga de barro, com parte do bordo quebrado.
- Um vazinho ovóide, de barro, quebrado.
- 7 cilindros de calcáreo, de dimensões diversas.
- Um crânio braquicefálico, sem maxilares.
- Vários ossos longos.
- Fragmentos de cerâmica grosseira.

Tudo isto fôra encontrado junto a numerosas malgas de barro negro, escaqueiradas na *exploração* que os cabouqueiros fizeram à toa, depois do encontro dos primeiros ossos.

Sinais de monumento, no lugar do achado, não apareciam; tudo fôra aterrado e coberto de pedras. Atendendo porém ao espólio, resolveu o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos realizar uma pesquisa completa, escolhendo-me para dirigir tal trabalho.

Em consequência disso, voltei a Tôrres passado tempo, e fui-me alojar na Quinta de Charniche, propriedade do Sr. F. Belford, que amávelmente, e a pedido da Direcção do Museu, me cedera a sua casa para o tempo que durasse a exploração arqueológica que se ia fazer.

Cheguei à Quinta ao meio-dia de 3 de Julho, preparando nesse mesmo dia as cousas para a escavação, que logo na manhã seguinte começou pelo desatêrro do local. Nessa faina se levou o dia todo, pois que haviam feito do próprio recinto do monumento prelístico o cais de embarque da pedra, estando portanto o terreno duro e compacto como se tivesse sidó batido a maço. Nada se encontrou.

Pelas explicações dos cabouqueiros, e pelo género dos achados anteriores, adquirira eu a convicção de que me encontrava em frente de um monumento do período calcolítico, talvez do tipo dos de Fôlha de Barradas e Barro. Comecei a confirmar-me nessa idea quando no dia 4, a 1^m,50 abaixo do nível actual do solo, apareceram, ao poente, duas pedras de conglomerados, postas de cutelo, a par uma da outra. Pela posição pareciam fazer parte de um círculo.

Entre essas pedras e a presumível entrada do monumento encontrei, encostada ao antigo traçado circular, uma caveira grande, virada ao alto, sôbre um monte de ossos cruzados a 0^m,30 do solo virgem, e logo a seguir mais três montinhos de ossos subrepujados por maxilares inferiores; claramente se via que as caveiras tinham sidó tiradas na primeira exploração, e que o resto escapara ao vandalismo dos saloios. A disposição dos ossos indicava a linha periférica do monumento, que devia pertencer à mesma familia dos *tholoi* da Ásia Menor, Balkans e Grécia, e dos túmulos *a forno* da Itália.

O aspecto dos montes de ossos dava logo a conhecer que não se tratava de restos de cadáveres sepultados de cócoras, mas sim de despojos que, para darem lugar a novas inumações, tinham sidó removidos para a periferia, de modo que ocupassem pouco espaço. Isto mesmo succedeu sempre, tanto nas sepulturas neolíticas (Monte-Abrão), como nas cristãs (Outeiro da Pampilhosa do Botão), etc.

Perto da primeira caveira, em diagonal com ela, encontrou-se um

cilindro de calcáreo, curto e barrigudo, e junto de um dos montinhos de ossos, outro, pequenino, que lembra um barril.

Parece que junto da cabeça de cada um dos sepultados era colocado um destes cilindros, rudimentaríssimos ídolos antropomórficos semelhantes aos que com tanta frequência se têm encontrado no sul da Espanha, e até em Portugal¹.

No entulho, sem lugar determinado, encontrou-se também uma bela faca de sílex, irregular, e perto, um objecto de calcáreo cónico alongado, que representa um machado votivo igual aos que se acharam no dólmen do Monte Abrão, nas grutas de Cascais e de Palmela, etc.

No dia seguinte, 5, continuaram a aparecer caveiras em volta das antigas paredes do *tholos*, a poente e a sul (fig. 2): estavam juntas, às duas e até às quatro, sobre os ossos em monte, numa camada de calcáreo pulverizado e gordo, duro e como que areento, bem distinto do resto do terreno. Misturadas com os ossos, muitos pedaços de malguinhas, difficilmente extraídas da camada, porque a humidade do lugar as conservava tam pouco homogéneas na pasta, que rara era a que se salvava. Dos ossos posso dizer o mesmo.

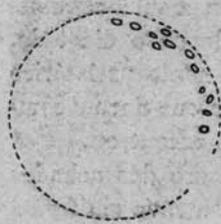


Fig. 2

Apesar de tudo, ainda consegui aproveitar duas que se achavam a 0^m,50 do terreno virgem, viradas de boca para o alto, entre caveiras. O remeximento arcaico era nesse ponto mais visível do que em qualquer outro.

De tarde um dos trabalhadores encontrou uma bela ponta de seta, de cobre, do tipo de folha de loureiro, novinha em folha, como se cos-

¹ Interessado pela nova aparição de cilindros no monumento funerário da Serra das Mutelas, comecei procurando nas publicações arqueológicas e nas coleções portuguesas tudo quanto se referisse a objectos congéneres. As referências escritas foram poucas, relativamente, mas os exemplares são numerosos e a meu ver fornecem dados novos à nossa arqueologia. Até hoje tomei nota de terem sido encontrados taes cilindros nas grutas naturais de Cascais, Cesareda, Carvalhal e Licea; nas grutas artificiais de Palmela e Folha das Barradas; nas antas do Montabrão e Estria; nos monumentos circulares, *tholoi*, de Alcalar, Barro, Serra das Mutelas e S. Martinho de Sintra; nos castros de Pragança, S. Mamede de Óbidos e Rotura. Avulsos, há ainda dois de Moncarapacho (Algarve) e um de procedência desconhecida que está na Biblioteca de Évora.

Do estudo comparado dos espólios onde os cilindros têm aparecido, com as conclusões que de tal facto se podem tirar para a cronologia preistórica, é minha intenção apresentar as primícias no próximo Congresso Arqueológico de 1915, em Espanha.

tuma dizer (fig. 3). Era a terceira, contando com a recolhida pelo administrador e com a achada pelo Sr. Dr. Leite de Vasconcelos, ambas igualmente novas.

Parte do monumento ficou limpo até o solo virgem (salão); esse solo é constituído pela superfície rugosa de um banco de calcáreo, cortado de fendas estreitas e profundas.

No dia 6 continuou o trabalho de descobrimento, ficando completamente limpo todo o âmbito da camara. Aí se pôde então ver claramente o traçado circular da sepultura, e como do seu revestimento de lajes apenas restavam cinco pedras, três de conglomerados e duas de calcáreo, estando duas juntas a ocidente, e uma a cada um dos outros pontos cardeais (fig. 4). De uma das fendas em que o solo se achava retalhado extraíu-se uma espécie de ponta de lança de pedra, de grandes dimensões, em forma de triângulo isósceles, que é muito natural tivesse sido usada encabada como machado¹, para ferir de talhe, e não para perfurar (fig. 5).

O diâmetro do círculo sepulcral era de 3 metros.

Durante a tarde aterrou-se o lugar da escavação e repôs-se tudo no estado anterior.

*

E este o resultado da exploração. Informações dos achadores e violadores do monumento lançaram mais um pouco de luz sobre a disposição em que os objectos se encontravam. Assim, numa entrada que, diziam, o *tholos* possuía, havia três montinhos de ossos como os que descobri no interior; a seguir a essa entrada, deposto à flor da terra, estava um esqueleto deitado (a elle pertence a caveira



Fig. 3

¹ Em fins de 1912 visitou o Museu Etnológico, o distinto conservador do Museu Rial de Berlim, o Dr. Hubert Schmidt, que se tem notabilizado pelos seus trabalhos sobre cronologia pré-histórica. Acompanhei-o na sua visita e entre os objectos recém-colhidos na serra das Mutelas chamou a sua atenção a larga ponta de sílex a que me refiro; classificou-a como arma que devia ser encabada à maneira de machado e explicou como ela entrava na categoria de outras armas

braquicefálica primeiro trazida) no meio de dois outros mais pequenos (também para o Museu veio um pedaço de crânio de um dêles) e ao pé

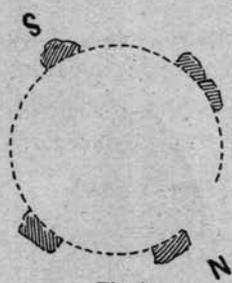


Fig. 4

um vaso de barro vermelho, com riscos (forma de tülipa, ou *bichiere à campana*) parte do qual veio igualmente para o Museu (fig. 6). Do mesmo modo, perto da entrada, mas enterradas, havia numerosíssimas malgas de barro negro, que foram distribuídas por todos os saloios das vizinhanças. Cobria a câmara uma grande pedra prolongada da pedreira, a qual pelo seu feitio de abrigo levou decerto os preistóricos a aproveitá-la para instalar debaixo uma câmara sepulcral.

Faço entrar este monumento sepulcral na categoria dos *tholoi*, por causa do seu traçado circular, embora êle não tenha sido abobadado artificialmente.

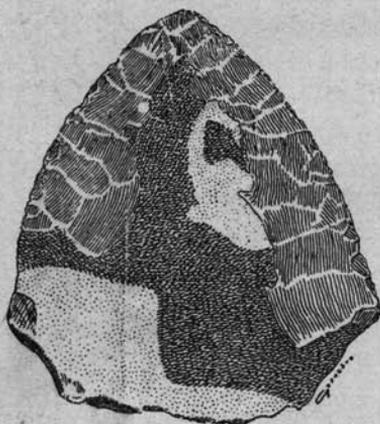


Fig. 5

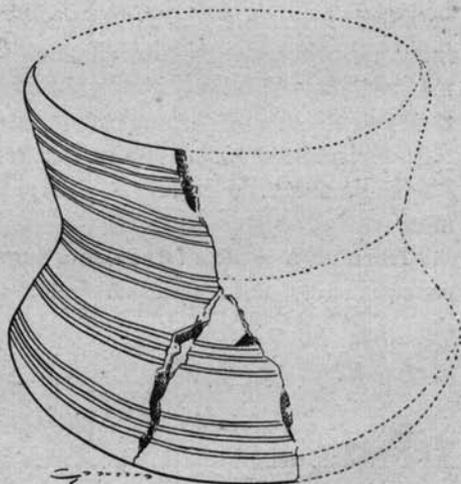


Fig. 6

O caso especial de terem aproveitado para o cobrir, mais seguramente decerto do que o poderia fazer qualquer processo humano, uma fôlha do banco calcáreo, não pode levar-nos a considerá-lo como

preistóricas portuguesas utilizadas da mesma forma. Acrescentou que trataria do assunto brevemente. Com efeito numa publicação dada à estampa em Stockholm 1913. — Opúscula *Archaeológica*. Oscari Montélio dicata — saiu o anunciado trabalho *Der Dolchstab in Spanien* com muitas referências à archeologia portuguesa. A pág. 76, na fig. 7, vem representada duma maneira bem clara uma ponta de sílex, do dolmen do Montabrão, com o respectivo cabo.

gruta. Tudo demonstra que no vão natural existente, foi convenientemente preparada uma sepultura igual no plano e construção, a outras da mesma região (Barro e S. Martinho de Sintra).

Ainda segundo as informações, a câmara não devia chegar a ter 2 metros de altura.

Em outro lugar estudarei minuciosamente todos os objectos encontrados, comparando-os com os congêneres de Portugal e de fora.

VERGÍLIO CORREIA.

APÊNDICE

Correspondência oficial a respeito do monumento preistórico da Serra das Mutelas

Em 18 de Junho de 1912 o administrador do concelho de Tórres Vedras enviou ao Ex.^{mo} Director do Museu Etnológico um largo officio historiando como tivera noticia do descobrimento casual de um monumento preistórico da Serra das Mutelas, e como conseguira salvar certa porção dos objectos aparecidos, convidando-o ao mesmo tempo a fazer uma exploração no local.

A propósito dêste officio enviou o mesmo Ex.^{mo} Director do Museu os que se seguem.

I

Officio enviado ao Ex.^{mo} Sr. Administrador do Concelho de Tórres Vedras

É com toda a satisfação que notifico a V. Ex.^a a recepção do seu officio de 18 do corrente, não só por ter apparecido no Concelho de Tórres Vedras mais um monumento preistórico, mas por eu ver que à autoridade administrativa êle merece toda a consideração scientifica que devia merecer. E dou a V. Ex.^a os meus agradecimentos. Em vista do exposto por V. Ex.^a, tenho a honra de o informar de que no próximo domingo me apresentarei a V. Ex.^a na administração, de manhã, logo depois da chegada do comboio das 10, em que eu irei, e que, se V. Ex.^a me quizer dar o gôsto de me acompanhar, iremos ambos ao local da Gruta.

Saúde e Fraternidade.—Belém, 21 de Junho de 1912.—(a) J. L. V.

II

Officio enviado ao Sr. Director Geral da Instrução Superior

Tenho a honra de participar a V. Ex.^a que ontem fui a Tórres Vedras visitar uma estação preistórica, a convite do illustre administrador do concelho, o Sr. Carlos Marinho da Cruz, que a descobrira.

O mesmo senhor não só me ofereceu uma bonita colecção de objectos arqueológicos (cilindros de calcáreo, alguns dos quais, pelo menos, suponho serem ídolos do período calcolítico, vasos de barro, uma seta de cobre, um machado simbólico de pedra, um crânio humano e vários ossos avulsos, mas acompanhou-me ao local da estação, facultando-me lá e pelo caminho o ensejo de obter outros objectos igualmente importantes. Se V. Ex.^a se dignasse enviar desde já à referida autoridade um officio com elogios pelo modo como se houve em promover a salvação de preciosidades arqueológicas que doutro modo se perderiam, e com agradecimentos por elas terem enriquecido o Museu a meu cargo—eu muito o estimaria, e isso peço instantemente a V. Ex.^a.

Saúde e Fraternidade.—Belém, 27 de Junho de 1912.—(a) J. L. V.

III

Officio enviado ao Sr. Governador Civil do Distrito de Lisboa

Havendo aparecido ao pé de Tôrres Vedras uma estação arqueológica bastante importante, o respectivo administrador do concelho deu-me logo parte disso, em virtude do que fui lá, e em companhia do mesmo senhor não só visitei a estação, mas obtive valiosos objectos para o Museu a meu cargo.

Suponho que será agradável a V. Ex.^a saber que tem a êste respeito em Tôrres Vedras um delegado tam zeloso e benemérito: e portanto escrevo a V. Ex.^a o presente officio.

Saúde e Fraternidade.—Museu Etnológico, em Belém, 29 de Junho de 1912.—(a) J. L. V.

Inventário das moedas portuguezas da Biblioteca Nacional de Lisboa expostas no Gabinete Numismático

As moedas portuguezas expostas no Gabinete Numismático da Biblioteca Nacional de Lisboa classifiquei-as do seguinte modo, quando, na qualidade de Conservador, lugar de que pedi a exoneração em 1911, exerci as funções de Professor do Curso de Bibliotecário Arquivista, e tive a meu cargo aquele Gabinete:

- I. *Moedas do continente;*
- II. *Moedas das Ilhas adjacentes;*
- III. *Moedas de S. Tomé & Príncipe e Moçambique;*
- IV. *Moedas da África Occidental;*